



## Dóris Mendes Trindade, uma voz feminina no Jornal *O Pantaneiro*

Lise Rossi Jones Lima<sup>1</sup>  
Antônio Firmino de Oliveira Neto<sup>2</sup>  
Edvaldo Correa Sotana<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul – IFMS – Campus de Aquidauana  
[lise@pantaneiro.com.br](mailto:lise@pantaneiro.com.br)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Mato Grosso do Sul- Campus Aquidauana, Mestrado em Estudos Culturais  
[firmino.neto@ufms.br](mailto:firmino.neto@ufms.br)

<sup>3</sup>Universidade Federal de Mato Grosso- Campus de Cuiabá, Departamento de História  
[edsotana11@gmail.com](mailto:edsotana11@gmail.com)

**Resumo:** Este artigo, baseado estritamente em fontes documentais, tem por objetivo analisar a trajetória da educadora aquidauanense Dóris Mendes Trindade e sua contribuição em artigos escritos para o semanário “O Pantaneiro”, no ano de 1965. Dóris Mendes vem de uma família tradicional, cuja sociedade da época era dita conservadora e fazia uso do pseudônimo Maria Pereira, um nome e sobrenome popular, com a finalidade de expressar suas opiniões nos artigos publicados na coluna intitulada “Opinião Feminina”, geralmente críticos frente aos problemas que atingiam a cidade de Aquidauana, ainda pertencente ao Estado do Mato Grosso uno. Pois, seria uma forma de resistência encontrada pela professora tornando-se referência na área da educação e região.

**Palavras-chave:** Imprensa escrita; Jornal do interior; Colunista de jornal; Opinião feminina.

### Doris Mendes Trindade, a female voice in the Newspaper *O Pantaneiro*

**Abstract:** Ts article, strictly based on documentary sources, aims to analyze the trajectory of the Aquidauanian educator Dóris Mendes Trindade and her contribution in articles written for the weekly newspaper “O Pantaneiro”, in the year 1965. Dóris Mendes comes from a traditional family, whose society at the time was said to be conservative and made use of the pseudonym Maria Pereira, a popular name and surname, in order to express their opinions in the articles published in the column entitled “Opinião Feminina”, generally critical of the problems that affected the city of Aquidauana, still belonging to the State of Mato Grosso uno. Well, it would be a form of resistance found by the teacher, becoming a reference in the area of education and in the region.hi.

**Keywords:** Written press; Interior newspaper; Newspaper columnist; Female opinion.

### 1. Introdução

Diversos campos interdisciplinares dedicam-se aos estudos sobre o crescimento da participação da mulher na imprensa, assim como os aspectos históricos dessas participações. Os primeiros registros da participação feminina na imprensa brasileira estão ligados à produção de impressos voltados à área da literatura e da moda, mesmo que iniciantes, desde a metade do século XIX (Martins & De Luca, 2020). Entretanto, o primeiro periódico feito para mulheres no mundo, *O Lady's Mercury*, surgiu em 1693, na Inglaterra, voltado também para assuntos da moda.

A imprensa feminina nasceu sob o signo da literatura, logo depois acompanhado pelo da moda. Nos primeiros tempos, moda e literatura

dividiam a atenção. Os direitos femininos entraram em cena nos séculos XVIII e XIX, às vezes como dominantes. Paralelamente, os signos da utilidade iam-se introduzindo e ganhando espaço: trabalhos manuais, conselhos de saúde, de economia doméstica. (BUITONI, 1990, p. 22)

Na imprensa brasileira, os primeiros periódicos destinados às mulheres eram chamados de jornais, apesar de apresentarem variedades de conteúdos como *O carioca* e *O Espelho Diamantino*, de 1827, abordando política, literatura, artes e moda, seguido por o *Espelho das Brazileiras* (1831), *A Mulher do Simplício ou A Fluminense Exaltada* (1832), *Jornal de Variedades* (1835), *Relator de Novellas* (1838), *Espelho das Bellas* (1841). *Correio das Modas* (1839) e *A Marmota* (1849). O periódico “A Marmota”, proporcionou as primeiras litografias impressas no país (BUITONI, 1990). A partir deste período, tem-se:

Em 1852, o surgimento d’*O Jornal das Senhoras*, no Rio de Janeiro, editado por Joana Paulo Manso de Noronha, argentina de nascimento, que se configurou como um dos primeiros jornais de propósitos femininos e abrigo da mulher escritora, contando inclusive com mulheres na redação. (MARTINS; DE LUCA, 2020, p. 67-68).

Para as autoras Ana Luiza Martins e Tania Regina de Luca (2020), as mulheres buscavam, por meio dos seus textos, conquistar um espaço de representatividade, ou seja, “agentes de sua própria história, coube-lhes produzir significativos títulos por meio da imprensa periódica, dando visibilidade para o universo feminino, enquanto tentavam adentrar um mercado predominantemente masculino” (p.67). As autoras defendem, que as mulheres não estavam conformadas com o papel de receptora de informação e, dessa forma, buscavam trazer um novo momento para a imprensa escrita, já que “nele configurava-se a mulher ao mercado da Imprensa impressa, apenas, sendo leitora, mas elas desejavam ser produtoras de textos e periódicos, além de ser consumidoras de produtos anunciados pela imprensa” (p.69).

Grande parte das publicações da época (séc. XIX), destinadas ao público feminino, ainda era escrita pelos homens e abordavam temas da literatura, moda e beleza, assim como as regras de comportamento que deveriam ser adotadas pelas mulheres. Aos poucos esses espaços foram conquistados por mulheres, ainda que tivessem um “disfarce masculino”, pois as escritoras utilizavam pseudônimos, que permaneceu como tática e forma de resistência e de representatividade por mais de um século. Uns dos mais famosos na imprensa brasileira foi o pseudônimo Nísia Floresta, usado por Dionísia Gonçalves Pinto, uma das primeiras mulheres a escrever em periódicos, com textos publicados no jornal *O Espelho das Brasileiras*, em Recife - Pernambuco, na década de 1830 (SILVA, 2014). Nele, Nísia apontava as condições precárias das mulheres, ao mesmo tempo em que defendia a instrução moral e cívica delas. Assim como

Nísia, a maioria das escritoras da época começaram a carreira literária nos jornais, antes de iniciarem a publicação de seus livros.

Nesse sentido, este artigo debruça-se, sob a perspectiva dos Estudos Culturais<sup>1</sup> e, com o cunho exclusivamente documental, para analisar a participação da pedagoga Dóris Mendes Trindade, como articulista do jornal semanário *O Pantaneiro*, da cidade de Aquidauana, irmã siamesa da cidade de Anastácio, ambas no interior do Estado de Mato Grosso do Sul. A professora/articulista escreveu 11 (onze) artigos em 1965, ano da fundação do jornal, quando Aquidauana ainda pertencia ao imenso território do Estado de Mato Grosso unificado. A pesquisa foi realizada na sede do jornal, nos acervos das edições onde encontram-se arquivadas a grande maioria das publicações de mais de seis décadas de circulação.

Sobre as orientações metodológicas, importa ressaltar a preocupação em tomar o jornal como fonte e objeto de estudo. Há tempos que a imprensa se apresenta como fonte histórica, bastante utilizada no Brasil, em que os jornais são sempre consultados e citados, porém raramente estudados e analisados. Desse modo, corrobora-se com o pressuposto apresentado por Zicman, em que “o estudo mais atento dos órgãos da Imprensa tomados como fonte do conhecimento histórico deve ser um pressuposto necessário de todo trabalho que utiliza este tipo de fonte documental”. A partir disso, tornou-se indispensável refletir sobre a “dupla substância e natureza própria do jornal – sua forma e conteúdo, interdependentes e - interatuantes– e que entre a análise do Discurso de Imprensa, busca-se considerar as características próprias deste tipo de escrita (ZICMAN, 1981, p. 90)

Para expressar suas ideias perante os acontecimentos da sociedade aquidauanense da época, a educadora Dóris Mendes Trindade assinou seus artigos na coluna intitulada *Opinião feminina* com o pseudônimo de “Maria Pereira”. Esse artifício possibilitou à Dóris a liberdade de escrever e expressar livremente as suas críticas sobre variados assuntos, fugindo do inevitável vínculo à família tradicional, descendente de um dos fundadores da cidade e da função de diretora de escola religiosa, que exercia naquele momento.

## **O Pantaneiro: Sujeitos e Memória**

---

<sup>1</sup> De acordo Escosteguy (2000), os Estudos Culturais não se delimitam a ser campo disciplinar, mas uma área de estudos onde diversas disciplinas se interseccionam sob os aspectos culturais da sociedade contemporânea. Para saber mais, indica-se a leitura de *O que é afinal, Estudos Culturais?* Organização e tradução Tomaz Tadeu da Silva. - 5. ed. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

Era o ano de 1965, quando, em plena ditadura militar (1964-1985), três amigos aceitaram o desafio de lançar um jornal na região pantaneira do Estado de Mato Grosso (MT), ainda unificado. O município de Aquidauana, localizado a mais de 700 quilômetros de distância da capital Cuiabá, e com pouco mais de 70 anos, foi a cidade escolhida para o empreendimento. Trazendo traços contemporâneos, pelos esforços do seu diretor-proprietário Aldo Royg, pelo dentista Oscar de Barros Filho e pelo advogado Augusto Alves Corrêa Filho, o semanário teve como premissa a busca por uma nova mentalidade política.

Fundado no dia 5 de maio, o jornal *O Pantaneiro* iniciou as suas atividades na tipografia Efigênia, de propriedade de Aldo Royg (O PANTANEIRO, 2013). Com um parque gráfico já instalado e com a experiência técnica em tipografia de alguns funcionários da empresa, algumas adaptações foram realizadas para o início das impressões do novo periódico. Em homenagem ao sujeito do Pantanal, os três amigos buscavam trazer para a região um órgão de imprensa “livre” (O PANTANEIRO, 2020). A ideia estava em contradição com a maioria dos órgãos de imprensa do então MT e demais regiões do país que, por vezes, eram favoráveis a determinados partidos políticos, como explica Andrade (2016):

A imprensa do então estado de Mato Grosso uno nasceu sob o domínio oficial e durante os vinte primeiros anos de atividade passou do poder público à atividade privada, sem deixar de perder vínculo com o governo, que a patrocinava. Ela surgiu em uma época na qual a maioria dos jornais brasileiros não escondia sua cor partidária, surgia em defesa de uma causa, ou bandeira. Esses órgãos de imprensa, inclusive, ao circularem o primeiro número, faziam a sua apresentação estabelecendo um programa a seguir, identificando as ideias políticas que defendiam (ANDRADE, 2016, p. 02).

Em uma comparação com outros órgãos de imprensa lançados em Aquidauana, Francisco Fausto Matto-Grosso Pereira (2013) ressalta a ideologia do novo semanário lançado no ano de 1965:

É importante chamar a atenção para o fato de que a maioria desses veículos era ligada a personalidades com claro envolvimento na política local, quer como formadores de opinião como Jorge Bodstein Filho, ou mesmo como atores políticos como José Alves Ribeiro (“Coronel Zélio”), Manuel Bonifácio Nunes da Cunha (“Dr. Bonifácio”) e Sebastião Nunes da Cunha (“Cunha”). O Pantaneiro cumpriu, no seu período inicial, após 1965, o papel de desaguadouro de algumas ideias renovadoras dos jovens profissionais que voltavam à terra natal, criando uma nova mentalidade política (PEREIRA, 2013, p. 93).

Além da ausência de envolvimento político, os jovens fundadores do jornal *O Pantaneiro* queria não apenas reproduzir as notícias dos grandes centros para informar a

população local, mas fazer notícia com o que acontecia no município e na região e retratar a realidade local (O PANTANEIRO, 2020).

Após as tratativas e ajustes para as primeiras impressões, o lançamento do semanário O Pantaneiro ocorreu na manhã do dia 5 de maio de 1965, uma quarta-feira. No seu primeiro editorial os diretores demonstraram a missão e os valores do novo jornal, apresentando aos leitores de Aquidauana e região, a intenção da imparcialidade no trato da notícia e da valorização da gente do lugar, conforme pode ser lido:

Leitor Amigo: Estamos colocando em suas mãos o nosso primeiro número de ‘O PANTANEIRO’, jornal nascido em Aquidauana, para Aquidauana e sobre Aquidauana. Nascemos como todos: desacreditados, criticados e articulados. Há algum tempo nossa cidade, ainda menina, esperava pelos que vimos de plagas distantes pudessem dar a ela o impulso que qualquer cidade tenha necessitava. Receava-se entre nós o ditado: ‘Santo de casa não faz milagres’. Mas Aquidauana cresceu. Seus filhos voltaram e se dividiram nos diversos afazeres procurando cada qual dar a sua colaboração pelo progresso da cidade. E assim, também, nós voltamos. Não vimos fazer milagres, nem pretendemos. Mas voltamos e queremos dar, também, o nosso quinhão naquilo planejado por nossos avós, edificado por nossos pais e entregue a nós e às gerações futuras. Não nascemos prêses a ninguém ou ligados a qualquer agremiação partidária. Nascemos do esforço, do pensamento e, porque não dizer, do amor que nos prende a nossa cidade. ‘O PANTANEIRO’, já em seu nome, trás a nossa homenagem aos homens de quem depende a economia de nossa cidade: o pecuarista. Mas não vimos defendê-lo e sim reconhecer o seu valor. Vimos cantar, sem versos, a beleza e a grandiosidade de nossa cidade, sala de espera do fabuloso pantanal Mato-grossense. Vimos prestar nosso tributo aos seus heróico fundadores e aqueles que continuam suas obras. Vimos levantar um monumento a você aquidauanense. E é com esse fim que nasceu ‘O PANTANEIRO’: Livre como a andorinha, cônscio de suas responsabilidades como qualquer um de vocês e, como todos, trabalhando para o engrandecimento de seu torrão natal. Não nascemos do ódio, mas somos frutos do amor, o amor à nossa cidade e sua gente. E com vocês estaremos para propagar as suas grandezas. Bom dia, Aquidauana.

A intenção da imparcialidade e do acolhimento da pluralidade no jornal parece ter sobrevivido ao tempo e a mudança na sua direção. Recentemente, ao comemorar o aniversário de 60 do jornal, o professor Antônio Firmino de Oliveira Neto, escreveu no próprio semanário:

A quantidade e diversidade dos articulistas que escreviam no “O Pantaneiro” do final dos anos de 1980, demonstrava a opção democrática do editor José Lima Neto em abrir o jornal para as manifestações políticas, religiosas e culturais dos mais variados

matizes, transformando o semanário em amplo espaço de debates sobre temáticas diversas. (OLIVEIRA NETO, 2025).

### A trajetória de Dóris Mendes Trindade

Dóris Mendes Trindade (figura 1) nasceu no dia 15 de agosto de 1936, data em que o município de Aquidauana completava 44 anos de fundação. Filha do casal Armando Figueiró Trindade e de Hercília Mendes Trindade, um dos primeiros moradores da margem esquerda do Rio Aquidauana, posteriormente emancipado como cidade de Anastácio (ROBBA, 2006) e cresceu tendo a companhia do irmão caçula Armando e das duas irmãs mais velhas, as escritoras Aglay e Jandira Mendes Trindade. Boa parte da juventude passou junto à família nas mediações da Casa Cândia<sup>2</sup>.

**Imagen 1:** Dóris Mendes Trindade em uma de suas leituras



Fonte: Arquivo da família Trindade

<sup>2</sup> Casa comercial mais antiga em atividade das cidades de Aquidauana e Anastácio, que teve o pai de Dóris Mendes Trindade como sócio a partir da década de 1930 e, desde então, esteve sob propriedade da família Trindade. O Arquiteto Rubens Moraes da Costa Marques, em importante pesquisa sobre o patrimônio cultural sul-mato-grossense, escreveu que a Casa Cândia foi “Inaugurada por imigrantes italianos em 1 de fevereiro de 1908, com a razão social ‘Cândia e Irmãos’. Em 1º de julho de 1909 mudou a razão social para ‘Cândia e Moliterno’, em 4 de janeiro de 1934 eram sócios José Cândia, seu filho Atílio Cândia e Armando F. Trindade. Em 26 de novembro de 1978 passou a designar-se H. M. Trindade e desde 1991, H. M. Trindade Ltda. Atualmente pertence a Jandira Trindade que mantém o uso original. Estado de conservação bom e mobiliário originais.” (MARQUES 2001, P. 124).

Cursou parte do ensino no Colégio Cândido Mariano em Aquidauana, porém finalizou o ensino básico no tradicional Colégio Santa Marcelina na capital paulista. Graduou-se na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Sedes Sapientiae, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e fez piano clássico no Conservatório de Música Paulista.

Na década de 1960, ao retornar para Aquidauana, lecionou as disciplinas de Língua Portuguesa e Francesa no Colégio Cândido Mariano, mas logo foi convidada a assumir o cargo de diretora do ginásio da Paróquia Nossa Senhora da Conceição (GIC- Ginásio Imaculada Conceição). Sua dedicação na área da educação rendeu-lhe boas experiências com a comunidade:

Por ter sido professora do município, conhecida e bem-vista pela sociedade aquidauanense, com seu carisma e talentosa nas relações políticas locais, conseguia arregimentar colaboradores para apoiar os projetos em que a mesma se envolvia. Assim, Dóris apontava o “caminho das pedras” para o financiamento de projetos e ainda motivava a comunidade acadêmica para as investidas na expansão da educação. (BENFICA, 2017, p. 271)

Mesmo com a dedicação ao trabalho, Dóris não diminuiu o seu empenho nos estudos, sempre com a intenção de buscar novos conhecimentos, chegou a ingressar no Mestrado, concluindo os créditos necessários para a aprovação (BENFICA, 2017). A partir de 1965, após um convite dos diretores do semanário *O Pantaneiro*, iniciou a escrita de artigos em coluna intitulada: *Opinião feminina*. Dóris Mendes Trindade deixou de ser colunista do *O Pantaneiro*, após ser convidada para atuar como docente no Centro Vocacional de Barretos (SP). Dividia a moradia com outras professoras na república *Solar das Rosas* (TRINDADE, 2008), sendo a professora Joana Neves uma de suas grandes companheiras de estudo. Com o encerramento das atividades do Serviço de Ensino Vocacional (SEV), a educadora decidiu retornar para Aquidauana, após aceitar uma missão a ela requerida:

Os anseios da população para a implantação de uma instituição de educação superior no município de Aquidauana, principalmente, para atender a falta de profissionais habilitados para a área educacional. Verificamos ainda que a solicitação da instalação de uma Faculdade de Filosofia foi discutida na sessão ordinária realizada na Câmara Municipal, do dia 24 de abril de 1970, a qual teve apoio de todos os vereadores, sendo aprovado por unanimidade, pois entendiam que toda região sudoeste de Mato Grosso estava carente de profissionais formados com nível superior. No mês subsequente, o Prefeito de Aquidauana, Fernando Lucarelli Rodrigues fez um convite à professora Dóris Mendes Trindade para a mobilização de instalação da Faculdade no Município, pois o então Secretário de Educação do Estado, Wilson

Rodrigues já sinalizava um parecer favorável. A referida professora demitiu-se de seu cargo, onde prestava serviços, e retornou a Aquidauana para providenciar a instalação do Centro Pedagógico (FERREIRA, 2006, p. 71).

Após, a autorização do governador do Estado para a implantação do Centro Pedagógico de Aquidauana (CPA), iniciaram-se as tratativas com diversos representantes aquidauanenses, como Nelly Marani, que era a Secretária de Educação do Município e da Prof.<sup>a</sup> Dóris Mendes Trindade, então Coordenadora do processo de criação e implantação da Faculdade. (LIMA, 2023, P. 93). No mesmo ano de autorização emitida pelo governador, foi expedido o Decreto que oficializou a criação do Centro Pedagógico de Aquidauana (CPA), integrado à Universidade Estadual de Mato Grosso (UEMT), como afirma Ferreira (2006):

Finalmente em 13 de agosto de 1970 foi assinado o Decreto nº 1146 pelo Governador Pedro Pedrossian que oficializou o funcionamento da Instituição, sua instalação oficial aconteceu em 07 de março de 1971, e funcionaria provisoriamente, no primeiro andar do Centro Educacional “José Alves Ribeiro” - CEJAR, os primeiros cursos implantados foram: Letras e Estudos Sociais em Licenciatura Curta. (FERREIRA, 2006, p. 73)

Por meio da Portaria nº 14/1971, o Reitor da Universidade Estadual do Mato Grosso (UEMT) designou a Prof.<sup>a</sup> Dóris para responder pela Direção do CPA, sendo os primeiros cursos da instituição Letras/Português, Letras/Inglês e Estudos Sociais (O Pantaneiro, 2020). Entre os docentes convidados a atuar, além de sua diretora, estiveram Arnaldo Begossi, Vilma Begossi, Hildebrando Campestrini, Joana Neves, Gerson Carlos Russi, Dorothéa Beisegel, Clóvis Luiz Vicentin, Paulo Corrêa de Oliveira, Lucia Pace, Maria de Lourdes Chebel, Albana Nogueira, Francisco Romualdo, Luiz Chinalli, Orlando Pascotto, entre outros (SERRA, 2008). Ferreira (2006) adiciona ainda a atuação de Dóris neste período na Direção da instituição:

A professora Dóris Mendes Trindade foi nomeada Diretora do Centro Pedagógico, cargo na qual permaneceu até 1975. O Centro Pedagógico de Aquidauana funcionou na referida escola por 4 anos até que o governador José Fragelli comprou da Congregação dos Padres Redentoristas, um prédio localizado na Praça Nossa Senhora da Conceição, onde funciona a Unidade I até os dias atuais. A mudança justificou-se pela necessidade de ampliar o número de cursos e vagas oferecidas, pois a região necessitava de formação, principalmente na área da educação. Os coronéis reivindicaram junto ao governador um espaço amplo, que pudessem possibilitar o acesso de suas filhas a este nível de ensino, pois na época esta era a profissão que as mulheres exerciam na sociedade. (FERREIRA, 2006, p. 73)

Com a solicitação dos políticos atendida, em 1971 houve a inauguração das instalações do Centro Pedagógico de Aquidauana - CPA. A imagem 2 demonstra a professora Dóris recebendo o cumprimento do governador do Estado, José Fragelli, também aquidauanense.

**Imagem 2:** Dóris Mendes Trindade recebendo os cumprimentos do Governador José Fragelli durante a inauguração da sede própria do Centro Pedagógico de Aquidauana, em 1971.



Fonte: Site O Pantaneiro

Dóris era reconhecida como uma grande incentivadora dos estudos. Rubens Nunes da Cunha, em sua obra *Rebuscando a Memória: frases e fatos* (2008), relembra um de seus contatos com a professora Dóris Mendes Trindade, logo após a sua detenção em Aquidauana durante a Ditadura Militar:

Após clinicar alguns anos em Aquidauana e “puxar” 112 dias de cadeia como preso político em 1964, por conta do Movimento Militarista, fui convidado por Doris para cursar Estudos Sociais. Já tinha razoável conhecimento na área, porém, acedi ao convite. Lá tive aulas e travei amizade além de Dóris, com professores vindos de São Paulo: Arnaldo e Vilma Begossi, Joana (Neves), Dorothéa (Beisegel) e outros. (CUNHA, 2008, p. 80).

Os professores citados por Cunha, assim como Dóris, contribuíram indiscutivelmente para o desenvolvimento educacional na região. Como relembra o autor, além dos professores da cidade que integravam a primeira geração do corpo docente, muitos vieram de São Paulo para Aquidauana, a convite de Dóris, após o processo de fechamento dos Ginásios Vocacionais

paulistas, em consequência da repressão dos militares. O abuso autoritário dos militares pode ter contribuído para que muitos daqueles professores buscassem um lugar mais tranquilo para seguir a carreira profissional. Nesse sentido, “de forma sarcástica, até parece que a repressão dos ‘anos de chumbo’ favoreceu a educação em Mato Grosso, pois o estado era também espaço para refúgio, de novas esperanças para aqueles que tinha problemas com a Lei, em um local em que professor formado era raro, logo, um sujeito distinto e reconhecido” (BENFICA, 2017, p. 270).

O autor ainda complementa que a colega de trabalho Joana Neves poderia ser considerada "o braço direito de Dóris Trindade para arregimentar os primeiros professores e para substituí-la na Direção" (BENFICA, 2017, p. 273).

Dóris Trindade conseguiu atrair para a criação dos cursos de Letras e de Estudos Sociais de Aquidauana os melhores professores que a UEMT chegou a ter para a implantação dos cursos de licenciatura. Nos Estudos Sociais, à frente estava sua amiga, colega docente da escola e de projetos intelectuais, oriunda do Serviço de Ensino Vocacional/SEV de São Paulo, a professora Joana Neves. (BENFICA, 2017, p. 270)

Durante sua passagem por Aquidauana, Joana Neves foi uma das responsáveis pela criação de um Centro de Pesquisa, que atuou com intensidade no período de 1971 a 1976, possibilitando “a criação da Secção de Obras Raras da Biblioteca do (CPA), tornando-se possível reunir, selecionar, classificar e analisar a documentação, oficial e privada, ligada à História da cidade. Dá-se o início a elaboração de estudos apresentados em diferentes Simpósios de História e a organização de um acervo fotográfico sobre diferentes aspectos da história mato-grossense” (NEVES, 2007, p. 9).

Para Neves, o resultado mais expressivo gerado por todo aquele período teria sido a sua dissertação de mestrado, pois teve grande incentivo de Dóris Mendes Trindade “tanto na sugestão do tema como na criação dos recursos possibilitando, assim um trabalho de ensino conduzido, necessário e imprescindível à pesquisa” (NEVES, 2007, p. 10). O trabalho de dissertação de Joana Neves gerou, décadas depois, a publicação do livro *Um porto para o Pantanal* (2007), considerada uma como a obra científica mais relevante sobre a fundação da Aquidauana.

A despedida de Dóris, após quatro anos à frente da Direção-Geral do Centro Pedagógico de Aquidauana (CPA) foi assim publicada em *O Pantaneiro*:

Professora Dóris Mendes Trindade

O Sol surge na manhã trazendo sua luminosidade sem fim, cheia de esperanças. Seus raios tocam o solo fértil, fazendo com que novas vidas procriem no entardecer, esse que se esconde, mas deixa-nos cheios de vida, de alegria, de esperanças, pois sabemos que cedo ou tarde ele ressurgirá. Assim podemos comparar, como num dia de sol, os minúsculos quatro anos que a professora Dóris Mendes Trindade esteve entre nós. Prof.<sup>a</sup> Dóris M. Trindade veio de São Paulo onde exercia os seus deveres de mestra para assumir a direção do Centro Pedagógico de Aquidauana, trazendo novas esperanças para os estudantes Aquidauanenses e das cidades circunvizinhas. Assumindo a direção do Centro Pedagógico de Aquidauana, Dóris Mendes Trindade lutou com coragem férrea, e incansavelmente para que o CPA alcançasse seus mais nobres objetivos. Terminada sua gestão (...) voltará para São Paulo, onde irá acompanhar estudos de pós-graduação. Deixará Aquidauana, mas uma lembrança ficará gravada na mente de todos os alunos e professores, que durante estes anos estiveram com ela no CPA, deixando entre todas infinitas saudades. Agradecemos a esta valorosa Mestra, em nome de todos os Aquidauanenses, pelo que ela fez em prol de nossa cidade, desejando-lhe felicidades infinitas. (O PANTANEIRO, 08/03/1975).

Logo após sua mudança para o estado paulista, um precoce adoecimento de Dóris Mendes causou grande comoção na sociedade aquidauanense e nos colegas de profissão. Recebeu acompanhamento médico no Hospital da Beneficência Portuguesa, em São Paulo, mas após conviver por alguns anos com as sequelas de uma possível lesão neurovascular, faleceu em Aquidauana no dia 12 de fevereiro de 1982, aos 45 anos. (O Pantaneiro, 13/02/82).

### ***Maria Pereira, a porta-voz da “Opinião feminina” de Dóris Mendes Trindade***

*Maria Pereira*, foi a porta-voz do pensamento de Dóris Mendes Trindade em onze (11) artigos publicados no semanário *O Pantaneiro*, inseridos na coluna “Opinião feminina”, que ocorreram desde a primeira edição do semanário, em 05 de maio de 1965, até agosto do mesmo ano. Como já apontado anteriormente, o uso do pseudônimo *Maria Pereira* teria sido o artifício utilizado por Dóris Mendes Trindade para poder praticar com mais liberdade assuntos não discutidos no meio social. Como *Maria Pereira*, ela se protegeu para abordar temas cotidianos, que afetavam as mulheres, sem a preocupação de ser associada às famílias tradicionais, da qual era oriunda e sem prejudicar a sua função de diretora em uma escola religiosa. Pois, possíveis posicionamentos críticos, em sua coluna, sobre condutas tradicionais ou corriqueiras, diferenças políticas ou sociais, poderiam gerar desconfortos em ambas as situações, levando-se em consideração a sociedade conservadora de Aquidauana. Desse modo, o preconceito seria

evitado e o pseudônimo foi a alternativa encontrada por Dóris, assim como muitas mulheres brasileiras da época que ousaram escrever e publicar suas opiniões nas mídias disponíveis.

A título de exemplo serão transcritos e analisados, os artigos de Maria Pereira publicados nas três primeiras edições do Jornal *O Pantaneiro*. A escolha dos artigos se deu por tratarem de assuntos que mais diretamente estão relacionados ao que estava implícito na denominação da coluna “Opinião feminina”, sob responsabilidade da articulista. Os oito artigos restantes serão resumidos em quadros, pois são objetos de análises em pesquisa de doutoramento.

O número inaugural do jornal *O Pantaneiro* (05.05.1965), trouxe na sua primeira página o artigo de *Maria Pereira* que corrobora com a suspeita acima levantada, sobre o uso do pseudônimo:

#### De mulher e de empregada

Era um grupo feminino, exclusivamente: havia mulheres, como dizem por aí, "muito bem casadas", havia das "bem casadas" e das... casadas; e não faltava solteiras, estas também de quilates mui variados, das renitentes às displicentes. Não me peçam para especificar mais, se constavam órfãs ou viúvas; se já não disse, digo que eram de cultura média, dinheiro idem. E já disse muito. Ora, ocorreu que a nossa citada assembléia de estados civis fervia num debate. Tema: "Deve e pode uma mulher, hoje, prender-se aos afazeres domésticos?" - "Até que ponto?", perguntavam. E opinavam: sim, pois sim, pois não, depende, é imprescindível, supérfluo.... Assim a coisa ia, quando surgiu um brado de alarme: "Solteiras e casadas, pensai no futuro: mulher bem conservada significa marido interessado, e marido interessado é família unida e satisfeita".

O silêncio geral, se não comprovou a aprovação, foi prova inequívoca do interesse. E o preceito brotou, definitivo: "Nada de serviço pesado, minha gente, deixem isso prá a empregada". Quando me cantaram a história, pediram-me opinião. Ora, quem sou eu, prima? Lição de felicidade é coisa séria, impressa ainda por cima num jornal para ser lida por toda gente! Pra começo de conversa, minha empregada que o diga (eu leio a ela tudo que escrevo): eu nem consegui entender a história direito:

"Marido feliz é o da família feliz da mulher bonitona descansada..."

E o marido da empregada...?

#### MARIA PEREIRA

O texto traz de forma clara uma reflexão sobre as diferenças sociais. Alegando reproduzir diálogos ocorrido naquilo que a articulista denominou de “Assembleia de estados

civis”, ou seja, uma reunião de mulheres muito bem casadas, bem casadas, casadas e solteiras, de dinheiro e cultura mediana, o artigo “De mulher e de empregada” reproduziu o pensamento comum entre as mulheres aquidauanenses das classes mais abastadas, de que elas não deveriam dedicar-se aos serviços domésticos do dia a dia, deixando-os para as empregadas domésticas. Segundo o diálogo reproduzido no artigo, as mulheres mais descansadas seriam mais conservadas e, assim, teriam maridos mais interessados e, consequentemente, uma família unida e satisfeita, enfim mais feliz.

Durante a leitura do artigo, dá-se a impressão de que a articulista concorda com as alegações das incautas vogais, porém *Maria Pereira*, por meio da marota pergunta: “E o marido da empregada?”, finaliza demonstrando sensibilidade social e contradiz o senso comum adotado no frívolo pensamento feminino da tal assembleia. Nesse caso, o uso do pseudônimo certamente poupou Dóris Mendes Trindade de aborrecidos questionamentos por parte daqueles que certamente discordariam da impertinente indagação, especialmente por ser mulher. Atualmente, num mundo onde as mulheres disputam espaço com os homens num mercado de trabalho diverso e cada vez mais competitivo, o “marido da empregada”, citado marotamente pela articulista no distante 1965, seria o companheiro de todas as mulheres que executam atividades remuneradas fora de casa, quase que lugar comum no mundo de hoje. Isso demonstra o quanto à frente, para a conservadora sociedade aquidauanense, situava-se o pensamento de Dóris Mendes Trindade, reforçando a necessidade de esconder-se em pseudônimo, que sabiamente o fez feminino.

Em outro artigo, com o título de “Esta Juventude...” (O PANTANEIRO, 21.07.1965, p. 03), *Maria Pereira*, volta a questionar os hábitos conservadores da sociedade aquidauanense que, com inteligente subterfúgio, imputa à três senhoras, por ela chamadas de “solteironas”:

### Esta juventude...

Eram moças e rapazes, seis aos todos; estudantes em férias. Turminha unida, afinada; ia firme o bate-papo. Foi quando desabou sobre o grupo, ultra-elegante e sofisticada, uma antiga colega de uma das meninas. Gritinhos, apresentações, beijinhos - três prá casar, quatro para não morar com a sogra - e isolaram-se as duas numa animada troca de informações; primeiro acerca de si mesmas, presente, passado e futuro; em seguida sobre as amigas comuns, depois sobre as amigas da amigas, das inimigas, enfim já sobre o tempo, o vento...

O resto da turma, enquanto isso: moita. Os rapazes, acompanhando de esguelha gesto a gesto da novata, mal disfarçavam uma conversa descosida. As meninas, verdade seja dita, faziam esforços, heróicos, para desfazer o “suspense”, que ia pesando, pesando. Porque era

iniludível: a presença da estranha quebrara a solidariedade do grupo. Já se impacientavam todos por uma deixa; que só surgiu quando “ela” moveu lentamente a cabeça em torno e perguntou, balançando os cílios:

- Mas então, o que é que se faz de importante por aqui?

Tinha os olhos azuis, reparou depressa o Mário; e um dentinho deslocado, viram muito bem as meninas. O luiz Carlos, porém, não deixou escapar a chance, e deblaterou, agitando as mãos impacientes, como se cortasse pão:

- Importante! Mas porque é preciso que seja importante? E o que é “importante”? Sublinhava.

Era filósofo. Olhou-o assustada a novata, arregalando os olhos ingênuos. Ria o resto da turma com a cena, riu ela também. Foi admitida incontinente no grupo. Mandaram pedir mais um aperitivo, e azeitonas. Debateram com exaltação o que é “importante”: ser consciente, não ser “bem”, ser bom (Bom é mulher gozava um), ser autêntico, não ficar gagá, ter dinheiro? (Vai me dizer que não pesa, sustentava o Antôninho), ser “miss”, quem sabe, arriscava a Eliana, ou ser feliz, ou fazer feliz... Passar de ano, não vale? Perguntava a Glorinha.

Vieram os aperitivos. Tlin-tlin, desejaram-se as meninas. “Tlin-tlin”, caçoaram os rapazes, e entrechocavam no prato as azeitonas.

Terminara então o cinema, passavam as solteironas em trios pela calçada. E olhando o grupo eufórico, balançavam graves as cabeças.

- Essa juventude perdida!

#### MARIA PEREIRA

Ao longo do texto, a articulista *Maria Pereira* explora um encontro de seis jovens estudantes em férias para dialogar com o leitor sobre os aspectos conservadores da sociedade aquidauanense. A chegada de um novo elemento no grupo, causa de imediato um misto de alvoroço, com os “Gritinhos, apresentações, beijinhos - três prá casar, quatro para não morar com a sogra” e tensão “O resto da turma, enquanto isso: moita. Os rapazes, acompanhando de esguilha gesto a gesto da novata, mal disfarçavam uma conversa descosida”, somente desfeito quando “ela” dá a deixa e se mostra interessada pelo que se pode fazer de importante no lugar. Entre conversas e risos, a novata “Foi admitida incontinente no grupo”, e se interage sobre as coisas importantes para os autóctones. Maria Pereira se utiliza dos argumentos juvenis para demonstrar o machismo “(Bom é mulher gozava um)”, o pensamento frívolo “ser autêntico, não ficar gagá, ter dinheiro?... ser ‘miss’”, ou mesmo as angústias comuns como “ser feliz, ou fazer feliz... Passar de ano, não vale?”. No entanto, certamente é na frase “Essa juventude

perdida!”, com a qual a articulista termina o texto, fazendo referência ao trio de “solteironas”, que *Maria Pereira* deposita o principal propósito de demonstrar que a sociedade - nesse caso representada pelo grupo de “moças e rapazes”, está em constante vigilância pelos detentores dos costumes, e a vontade de perpetuá-los.

“Mulher sempre mulher” (O PANTANEIRO, 19.05.1965, p. 03) é um artigo em que *Maria Pereira* ressalta um debate travado com um amigo sobre a história de um ladrão, que adentrou em um convento. A capacidade da articulista, em demonstrar suas opiniões, estão sutilemente apresentadas nas reações das freirinhas, da polícia e do próprio amigo e de maneira mais explícita nas próprias reações.

Às voltas com a empregada, às voltas com a patroa, às voltas com a velhice, mulher sempre é mulher, diz meu amigo. Percebo já na afirmativa certas transparentes sub-reptícias intenções, e replico - Lógico, pois o que poderíamos ser? - Meu amigo parece divertir-se imensamente com a tentativa de “nocaute” e se esquiva, galantes - Vocês são tôdas uns amores...

Hum!... Porque nos acham tão complicadas os homens? Já gastaram rios de tintas, toneladas de papel, fora o papiro, para provar no universo (isto é, a nós e a eles mesmos) que Eva trouxe a confusão ao mundo. Ah! é que nós falamos, bisbilhotamos... somos impossíveis. Entretanto, falam isso eles, e nós, limitamo-nos a deixar passar... o rio de tintas, a virar cinza a papelada tôda, que o vento leve. Simplesmente vivemos; e quanto mais simples nos tornamos, quanto mais lógico e cristalino nos parece nosso modo de ser, aí é que brota, filosófica ou violenta, a ironia masculina. Meu amigo, por exemplo, achou inacreditável uma históriazinha bôba que, inadvertida, lhe fui contar.

Era uma casa de freiras. Aproximava-se a manhã, elas se levantavam murmurando suas orações. Súbito, um rebuliço: um ladrão. Na própria esquina da capela o “meliante” topava com a fila indiana das religiosas, a avançar pelo corredor calado. Só fez meia volta o desprevenido, disparando pelo sentido oposto, perseguido logo pelas ál acres freirinhas que, como um bando indistinto de passarinhos, gritavam e chilreavam: “ladrão, ladrão!”, os hábitos dançando, os longos véus ao vento... O aturdido homem embarafusta pela primeira porta aberta, quando comprehendeu o engano: o banheiro não dispunha de janelas. Alé fica, acuado zelosamente guardado à porta, pelas valentes irmãzinhas, que palpitam pelo corredor, e perguntando: e agora? Já a secretária do convento chamou a polícia , e elas se inquietam com as possíveis consequências de tanta decisão; - Será que “ele” apanha? olhem , está quietinho lá dentro... Parecia tão magro... Vai ver que é muito pobre... É mesmo, às vezes até passa fome. E elas já se afigem, quando chega impávida a autoridade policial, representada pelo clássico sargento troncudo. Que, para corroborar tanta piedade esboçada, se revela trêmulo, rasgado, esquelético, e de lá sai tossindo, ainda por cima... não havia dúvida: era a cara, o jeito, e o pulmão da própria tuberculose.

- Meu Deus do céu, sr. ladrão, porque veio o sr. se meter aqui! deixa escapar a vice-superiora. Mas a superiora e o próprio polica impõe silêncio, e passam as formalidades legais.

Revista-se o prêso; batidas as pernas... sob a camisa... o cinto é tirado... tudo como de praxe. E o infeliz ali, exposto à curiosidade, ao espanto, aos comentários infantis e assustados das noviças; ainda por cima se afirmando as calças a cintura, envergonhado...

... Coitado! às 5 horas da manhã! Com esse frio... no corredor... descalço..! Tôdas já não podem de emoção. Vem um cafézinho quente. Para os srs. guardas, para o sr.sargento, para o “sr. ladrão”; mas este confuso, não se serve, que tem as mãos empenhadas na meritória e pia tarefa de substituir o cinto...Uma cadeira p’ra ele; ordena a superiora.

E ali toma o ladrão seu de há muito esquecido café matinal, cercado pelo respeito das piedosas freirinhas, enquanto o dia raia.

- Só numa casa de freiras! só numa casa de freitas! afirma, deliciado, o sargento troncudo, os policiais todos (e meu amigo com eles).

- Nem por isso deixou a superiora de amparar a família do ladrão; visitou pessoalmente o mesmo e em sua intenção fez reza uma missa, duas novenas e inúmeras jaculatórias.

Maria Pereira inicia o artigo acima com um debate travado com um amigo, após contar-lhe a história do ladrão que entrou num convento de freiras e as reações das religiosas que, comovidas com a situação do pobre “meliante”, decidem por amparar a ele e a sua família. O comentário de que “Às voltas com a empregada, às voltas com a patroa, às voltas com a velhice, mulher sempre é mulher”, já indicava, para a articulista, “certas transparentes sub-reptícias intenções”, próprias dos homens, e ela responde de pronto procurando nocautear o adversário: “Lógico, pois o que poderíamos ser? ”. Apesar da tentativa do amigo em amenizar a situação, alegando que as mulheres são todas uns amores, Maria Pereira não se deixa relaxar e impõe-lhe a reflexão de que os homens, desde sempre, tentam atribuir “que Eva trouxe toda a confusão ao mundo”. Mas, o ponto central da conversa está na capacidade da debatedora em demonstrar, em 1965, aquilo que mais amedrontava e ainda amedronta os homens, ao afirmar que “Simplesmente vivemos; e quanto mais simples nos tornamos, quanto mais lógico e cristalino nos parece nosso modo de ser, aí é que brota, filosófica ou violenta, a ironia masculina”. Maria Pereira termina o artigo fazendo referência ao machismo dos policiais, do sargento troncudo e do seu amigo que se indignam com as inúmeras reações de humanidades das “álacres freirinhas”, ao afirmarem “Só numa casa de freiras! Só numa casa de freitas! ”.

Por Intermédio de |*Maria Pereira*, Dóris Mendes Trindade, com comentários sagazes e bem-humorados, opinou sobre matérias que iam além do cotidiano feminino. Ela se intrometeu na política e na economia, assuntos que, para a época, estavam, na maioria das vezes, restritos

aos círculos masculinos. Para não cansar o leitor com um artigo demasiadamente longo, serão apresentados nos quadros 1 ao 4 os resumos dos oito artigos restantes, antecedidos de uma pequena análise.

No ano de 1965 a cidade de Aquidauana estava às voltas com constantes problemas no motor de geração de energia, apelidado de Mineirão, assunto que motivou dois artigos intitulados “Mineirão” (O PANTANEIRO, 02.06.1965) e “Mineirão II” (09.06.1965). Ao mesmo tempo em que a autora argumentava que a fama do Mineirão extrapolava os limites do município, a ponto de um correspondente do interior de São Paulo perguntar se se tratava de um meliante e, por conseguinte se estaria preso, ela com muito bom humor esgrimiou, se influência tivesse, solicitaria um título honorífico para o motor, já cansado de tantos serviços prestados à cidade. A autora ainda traçou um paralelo com a história de um compadre que deu nomes duplicados a dois dos seus 15 filhos – Raimundo e Sebastiana, alegando que seria precaução para o caso de “Deus tirar um, fica o outro”, assim ela solicitava a instalação do Mineirão II, para suprir a penúria causada pelas panes do motor. Pois, ainda nos dizeres da autora, “a energia é – Deus seja louvado – o ferro elétrico, mas não só isso, a geladeira, a enceradeira, a máquina de lavar roupas, mas não é só isso, é o luz prá o bate-papo amigo no bar da esquina, para ver em casa à noite jornais”. Aludindo a importância da energia elétrica no cotidiano das pessoas, das mulheres em particular, e demonstrando total sinergia ao que acontecia no mundo, Dóris cita ainda a televisão - quando ainda nem existia em Aquidauana, a emergência no hospital, a lâmpada na escola e a instalação de máquinas, ou seja, ela argumenta que a energia seria a abertura para o progresso e desenvolvimento. Os resumos dos artigos Mineirão e Mineirão II constam no Quadro 1.

**Quadro 1:** Resumo de artigos da Coluna “Opiniões Femininas”

02/06/1965	Mineirão	<p>Existe um velho assunto na cidade. Os problemas enfrentados com as constantes panes do Mineirão, que fazem os comentários recuarem para além dos limites do município, chegando até mesmo ao interior de São Paulo, onde um desavisado entendeu se tratar de um meliante. Maria Pereira, não perdendo o bom humor, nem mesmo com os possíveis transtornos causados pela falta de energia, argumenta que, se influência tivesse, sugeriria um título honorífico ao já cansado motor que tantos serviços prestou à cidade. A autora alega que sua ideia teria apoio até esmo entre as autoridades, em constante silêncio frente as “gazetas” do motor amigo.</p>
09/06/1965	Mineirão II	<p>Ao que tudo indica, Mineirão era o apelido dado pela população ao motor que fornecia energia elétrica para a cidade de Aquidauana. Instrumento de utilidade pública, sob a responsabilidade da CEMAT – Centrais Elétricas Matogrossenses, empresa estatal de fornecimento de energia, de fábricas, é a multiplicação de empregos, é a mola de progresso, base de reforma seja qual for o seu nome.”, numa clara alusão aos problemas enfrentados pela cidade. A autora faz um paralelo com a história de um compadre seu que dos 15 filhos decidiu dar o nome de Raimundo a dois deles e de Sebastiana a outras duas. Para além da “hilaridade grossa de e um comentário geral”, o pai, na sua “simplista sabedoria salomônica” explicou que o nome em duplicata era uma precaução para caso “Deus tirar um, fica sempre o outro”. Com base nas sábias palavras do compadre, Maria Pereira pede a instalação do Mineirão II para suprir a penúria causada pelas faltas que o Mineirão faz para a cidade com as suas constantes panes. Pois, ainda nos dizeres da autora, “a energia é – Deus seja louvado – o ferro elétrico, mas não só isso, a geladeira, a enceradeira, a máquina de lavar roupas, mas não é só isso, é o luz prá o bate-papo amigo no bar da esquina, para ver em casa à noite jornais, televisão... (televisão!) prá acompanhar o mundo, é a mais que isso: a solução da emergência no hospital, e é lâmpada na escola onde se forja o mundo, e é ainda mais que isso: energia é a instalação de máquinas, é a abertura.</p>

Fonte: Lima (2023)

Outro episódio que tomou conta da cidade e ocupou vários editoriais e artigos no jornal *O Pantaneiro* foi a disputa entre Aquidauana e Corumbá pela instalação da Companhia Siderúrgica Matogrossense - COSIMA. Mais uma vez, com inteligência e bom humor, *Maria Pereira*, no artigo “COSIMA” (O PANTANEIRO, 26.05.1965, p. 03), resumido no Quadro 2, brinca com o nome feminino Cosima e, com simplicidade e didática, conta todo o entrevero da disputa entre as duas cidades pela tão sonhada siderúrgica e assevera que a Cosima poderia ser uma adorável companhia feminina para Aquidauana.

**Quadro 2:** Resumo de artigo da Coluna “Opiniões Femininas”.

26/05/1965	COSIMA	<p>Demonstrando estar atenta aos assuntos correntes na cidade, mas sem deixar de relacioná-los com a pauta feminina imperante na sua coluna, Maria Pereira se dedica a comentar sobre a COSIMA (Companhia Siderúrgica Matogrossense), assunto de alguns editoriais de O Pantaneiro. A articulista brinca com o nome feminino Cosima e, com simplicidade e didática, conta, em poucas linhas, todo o entrevero da disputa entre Corumbá e Aquidauana pela tão sonhada siderúrgica, afirmando que ela poderia ser para Aquidauana uma “adorável” companhia “feminina”.</p>
------------	--------	--

Fonte: Lima (2023)

No quadro 3 estão resumidos os artigos que mostram que, para além de questões sociais e políticas, Dóris demonstrava a sua sensibilidade quanto aos conteúdos relacionados com: a História, em “A longa batalha” (O PANTANEIRO, 23.06.1965, p. 03), referindo-se a Batalha do Riachuelo, episódio da “Guerra do Paraguai”, para comentar sobre a exploração do Brasil e do Paraguai das riquezas e belezas do vale do Rio da Prata; a Família, no artigo “Mãe tão doce” (12.05.1965); e a Arte, em “Literatura do Pão” (O PANTANEIRO, 04.08.1965, p. 03), em que a autora brinca com a situação de articulista do Jornal, fazendo um P.S. ao chefe redator de que a mulher também vive de pão, expressando certa ironia, numa clara alusão ao fato de não receber pelo trabalho.

**Quadro 3:** Resumo de artigos da Coluna “Opiniões Femininas”.

23/06/1965	A longa batalha	No dia 11 de junho do ano de 1965 transcorreu 100 anos da Batalha de Riachuelo. Maria Pereira rememora os problemas da “Guerra do Paraguai”, fruto, segundo ela, do sonho de Solano Lopez em dominar todo o Rio Paraguai e seus afluentes, até chegar no “Mar del Plata”. Mas, a articuladora argumenta que 100 anos decorridos “a visão de riqueza desta zona, faz o Brasil e o Paraguai darem-se as mãos”, para a efetiva exploração do fabuloso vale e bacia da prata.
12/05/1965	Mãe tão doce	Maria Pereira dedica-se, neste artigo, a comentar sobre a docura de ser mãe e avó. Porém duplamente doce é ser bisavó. Refere-se a alguém que costuma observar no dia-a-dia e, sem citar nomes, espelha-se afirmando “Meus passos, sem sentir, vou pautando pelos seus. Acompanhando-a, penso. Se o prêmio da longa jornada fôr esta aceitação da vida, fôr tal sorriso vivo, e êsse andar tranquilo, porque temer o futuro?”.
04/08/1965	Literatura do pão	Maria Pereira brinca com a sua posição de colaboradora do jornal, alegando que ela é paga para defender alguma opinião acreditável” na coluna que dirigia - alegação que fez de forma irônica, é claro! Porém ela decide referir-se às Crônicas que lia e a sua angústia por sentir-se incapaz de fazer algo semelhante. Decide então dedicar-se a comentar sobre a poesia de Thiago de Mello e finaliza com a moral de que “não só de pão vive o homem” e ainda faz um P.S. ao chefe redator de que a mulher também vive do pão, numa clara alusão a insinuação de que nada recebe pelo trabalho.

Fonte: Lima (2023).

A Cultura também foi assunto tratado por Maria Pereira. Em “Viva São João” (30/06/1965), resumido no quadro 4, ela faz referência à festa de banho ao São João que ocorrida na virada do dia 23 para o dia 24 de junho, em que a população descia até às margens do Rio Aquidauana para banhar ou batizar o santo. Essa festa configurava-se como um vestígio da intensa relação cultural, via fluvial, que era mantida com a cidade de Corumbá, onde a festa já acontecia desde o século XIX. No Artigo “No Jardim”, também resumido no quadro 4, a autora faz uma perspicaz comparação entre um pequeno jardim às margens do rio, produzido por jovens estudantes da cidade, com a beleza de Aquidauana, considerada por ela como “cidade-mulher-menina-moça e vaidosa, traçada por seus contemporâneos”. Na mesma toada e, comemorando o aniversário de fundação de Aquidauana na mesma data da publicação do

artigo, Dóris enaltece o trabalho dos jovens jardineiros, comparando-o com o voluntarismo do grupo fundador da cidade, em que “ambos os grupos implantaram o seu trabalho nesta beira de rio, mas que isso, ambos entusiastas, ambos inovadores, armados ambos de espírito cooperativo dotados de visão e iniciativa”. A autora deixa transparecer todo o orgulho de herdeira de um dos fundadores ao chamá-los de portadores de uma força espiritual, assimilada pelos incipientes estudantes.

**Quadro 4: Resumo de artigo da coluna “Opiniões Femininas”**

30/06/1965	Viva São João	A autora faz referência a uma festa que já não existe mais em Aquidauana. Algo semelhante ao que ainda ocorre em Corumbá, demonstrando a ligação com a, então, mais importante cidade pantaneira, preservando as ligações culturais oriundas do tempo da ligação fluvial, em que aquela era a porta de entrada para o vasto território mato-grossense. A população, à meia noite, descia em procissão até às margens do Rio Aquidauana para banhar, ou batizar, o santo, numa clara perpetuação cristã do ato de São João Batista em batizar Cristo nas águas do rio Jordão.
15/08/1965	No Jardim	Maria Pereira derrama perspicácia neste artigo. Aproveitando de um pequeno jardim produzido por “Jovens Estudantes” às margens do rio, ela em efêmero devaneio enaltece Aquidauana como “cidade-mulher-menina-moça e vaidosa, traçada por seus contemporâneos”. A autora descobre uma visível associação entre o trabalho dos jovens jardineiros com o trabalho do grupo fundador da cidade, alegando que “ambos os grupos implantaram o seu trabalho nesta beira de rio, mas que isso, ambos entusiastas, ambos inovadores, armados ambos de espírito cooperativo dotados de visão e iniciativa”. Para Maria Pereira nem os jovens estudantes esperaram o convite da prefeitura para montar o seu jardim, assim como os fundadores não tiveram qualquer convite do governo do Estado para fundar a cidade. A comparação serviu para enaltecer a força dos fazendeiros fundadores e a herança espiritual assimilada pelos jovens e para homenagear os heróicos fundadores na data de aniversário da fundação da cidade.

## Considerações finais

Observou-se que ao longo dos onze (11) artigos publicados no período de 5 de maio a 15 de agosto de 1965, Dóris Mendes Trindade por meio do seu pseudônimo *Maria Pereira*, discorreu sobre problemas, que afetavam diretamente o cotidiano feminino. Em determinados escritos, ela utilizava de importantes discussões e acontecimentos, que tomavam conta da sociedade para inserir questões relacionadas com a vida das mulheres, quer sejam nos aspectos do cotidiano ou simplesmente explorando a condição feminina. Por pertencer a uma família tradicional da região, Dóris utilizava-se de um pseudônimo de nome e sobrenome comum, com o objetivo principal de recriar a dura realidade do quotidiano das pessoas, mas fundamentalmente das mulheres, galgando assim, a liberdade de opinião que almejava.

Assim, como defendido pelos Estudos Culturais, em contraponto à comunicação de massa, os jornais impressos interioranos, são considerados um dos principais meios de expressão cultural de seu povo. Sua pujante capacidade de influenciar modelos de sociabilidade, por meio das representações populares podem gerar elementos de reconhecimento e pertencimento, e mais ainda, de identificação, assim como buscou a educadora Dóris Mendes Trindade. Pois, sua alma feminista latente e seu senso crítico foram expressos numa coluna de um semanário de uma cidade interiorana e conservadora na década de 1960. Como forma de resistência, expôs suas opiniões e sentimentos em defesa das mulheres, buscando trazer um pouco de igualdade de gênero, quando esse ainda nem era um assunto em debate. Com sua visão de sociedade igualitária, sem dúvidas estava à frente de seu tempo e contribuiu para uma nova maneira de olhar a mulher contemporânea e julgar as diversas formas de desigualdades sociais em relação à mulher.

## Referências

- ANDRADE, Danusa Santana. O surgimento da imprensa em Mato Grosso e em Mato Grosso do Sul. 2016. In: ENCONTRO CENTRO-OESTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 3, 2016, Campo Grande. Anais [...]. Campo Grande: UFMS, 2016. Disponível em: [https://www.alcarco.com/\\_files/ugd/625d41\\_71f5316207534b9b8a490e64436829c6.pdf](https://www.alcarco.com/_files/ugd/625d41_71f5316207534b9b8a490e64436829c6.pdf). Acesso em: 10 jan. 2023.
- BENFICA, Tiago Alino Hoissa. Protagonistas do campo histórico em Mato Grosso do Sul: em busca dos sujeitos da história (1968-1978). *Revista Territórios & Fronteiras*, vol. 10. 2017. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/territoriosfronteiras/index.php/v03n02/article/view/621> . Acesso em: 25 fev. 2023.
- BUITONI, Dulcília Schroeder. *Imprensa Feminina*. São Paulo: Editora Ática, 1990
- CUNHA, Rubens Nunes da. *Rebuscando a Memória: Frases e Fatos*. 2008. Gráfica Pantanal. Campo Grande - MS.
- ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Os estudos culturais. Cartografias, Porto Alegre, 2000. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3363368/mod\\_resource/content/1/estudos\\_culturais\\_ana.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3363368/mod_resource/content/1/estudos_culturais_ana.pdf). Acesso em: 10 jan. 2023.
- FERREIRA, Franchys Marizethe Nascimento Santana. *Características da Educação Superior Pública no município de Aquidauana de 1998 a 2004*. 141 fls. Dissertação. (Mestrado em Educação). Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande - MS, 2006. Disponível em: <https://site.ucdb.br/public/md-dissertacoes/7870-caracteristicas-da-educacao-superior-publica-no-municipio-de-aquidauana-de-1998-a-2004.pdf> . Acesso em 25 fev. 2023.

LIMA, Lise Rossi Jones. *JORNAL O PANTANEIRO: Memória, história e cultura*. Dissertação (Mestrado em Estudos Culturais). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS. Aquidauana, 2023. Disponível em: <https://ppgcultcpaq.ufms.br/turma-2021/>

MARQUES, Rubens Moraes da Costa. *Trilogia do Patrimônio Histórico e Cultural Sul-mato-grossense*. Tomos I, II e III. Campo Grande: Editora da UFMS, 2001

MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tânia Regina. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2020.

NEVES, Joana. *Um porto para o Pantanal*: a fundação de Aquidauana: civilização e dependência. Campo Grande, MS: UFMS, 2007.

OLIVEIRA NETO. Antônio Firmino de. *60 anos do jornal “O Pantaneiro”, 36 anos de admiração e respeito*. O PANTANEIRO, Edição 3.203, de 25/04/2025, p. 02.

O PANTANEIRO, edição de 08/03/1975.

O PANTANEIRO, edição de 13/02/1982.

O PANTANEIRO, edição de 08/05/2020.

O PANTANEIRO, com os seguintes textos de Maria Pereira: *De mulher e de empregada*. Edição de 05.05.1965; *Mãe tão doce*. Edição de 12.05.1965; *Mulher sempre mulher*. Edição de 19.05.1965; *COSIMA*. Edição de 26.05.1965; *Mineirão*. Edição de 02.06.1965; *Mineirão II*. Edição de 09.06.1965; *A longa batalha*. Edição de 23.06.1965; *Viva São João*. Edição de 30.06.1965; *Esta juventude....* Edição de 21.07.1965; *Literatura do pão*. Edição de 04.08.1965; *No jardim*. Edição de 15.08.1965; *Mãe tão doce*. republicado na edição de 08.03.1975.

PEREIRA, Francisco Fausto Matto Grosso. Coronelismo, poder e desenvolvimento em Aquidauana (1945-1965). 2013. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Local)Universidade Católica Dom Bosco, 2013.

ROBBA, Cláudio. *Anastácio: ontem e hoje*. 2006.Campo Grande. Tribunal de Justiça de Mato Grosso do Sul.

SERRA, Dirce Jordão de Almeida. *Vi, Vibrei e Anotei*. 2008. Campo Grande - MS.

SILVA, Elizabeth Maria da. *Mulheres emancipai-vos!: um estudo sobre o pensamento pedagógico feminista de Nísia Floresta*. / Elizabeth Maria da Silva. – Caruaru, 2014. 215 f. Disponível em:

<https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/11285/1/DISSERTAC%387%C3%83O%20Elizabeth%20Maria%20da%20Silva.pdf> . Acesso em 25 fev. 2023

TRINDADE, Jandira Mendes. *Meu lugar é aqui*. 2008. Campo Grande, MS: FCMS, 2008.

ZICMAN, Renée Barata. História através da imprensa – algumas considerações metodológicas. In: *Revista Projeto História*. São Paulo, EDUC, 1981. Disponível em:

<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12410/8995> . Acesso em 27 fev. 2023